

## Preconceito continua

Está por terminar este que se pode chamar de nosso “Ano Nacional da Abolição”, o qual, por extensão, vem-se constituindo também no ano nacional da não-discriminação. Há uma tendência a ligar a idéia de escravatura ao preconceito racial, com certa razão, já que, tratando-se embora de mazelas diferentes, a escravidão certamente, influenciou no que hoje subsiste dessa abominável distorção do caráter humano.

Muito precioso tempo de rádio e televisão, muito papel de imprensa, muito palavrório, muito discurso de político, toda uma série de eventos e manifestações sobre o assunto veio à tona, não passando tudo isso de um grande e custoso desperdício, já que preconceito, discriminação, intolerância, não se combatem, não se extirpam à

força de decretos e leis, senão através de penosa reeducação, inculcando-se nas mentes que todos, brancos, pretos, amarelos ou índios, nascem iguais, seja perante a lei, seja perante o Deus de cada um. Sem o que, esta absurda guerra nem sempre fria perdurará através dos tempos, e a almejada Paz na Terra jamais será atingida.

De criança, brancos e pseudo-brancos são envolvidos num ambiente absolutamente hostil em relação às pessoas de cor, agredidas a cada passo com expressões do tipo “Negro quando não é isso é aquilo”, “Negro quando não faz na entrada faz na saída”, “Isso é serviço de negra velha”, “Vá contar isso lá pras suas negras”, “A culpa é da princesa Isabel”, “Este é um preto de alma branca”, “Essa negra sem-

vergonha", "Esse negro de  
fado", "Aquele moleque pe-  
nóstico", um sem-número de  
chotes e atitudes de cujo con-  
teúdo venenoso ninguém  
apercebe, de tal modo  
acham inseridos no nosso dia-  
a-dia desde tempos imem-  
oriais. Assim sendo, dificilmente  
cada um conseguirá por conta  
própria, cair em si, a ponto de  
torcer tal deformação de sua  
personalidade, de tomar consci-  
ência da dimensão de sua  
crueldade. Desarraigá-la re-  
quer altas doses de altruísmo,  
caridade e humanitarismo,  
atributos pouco encontrados  
no ser humano.

Paradoxalmente, aqueles  
que praticam essa forma de  
tolerância empedernida são  
em grande parte, pessoas dita-  
"tementes a Deus", cheias de  
um contraditório fervor reli-  
gioso, ciosas de suas missas,  
cultos e orações, caridosas e  
piedosas, pocos de virtude, ma-

cuja mentalidade escravagista  
de senhoras-de-engenho de  
tanto as leva a forçarem suas  
empregadas domésticas, que  
na quase totalidade são, sim-  
paticamente, pessoas de cor  
trabalharem aos domingos e  
riados e pela noite adentro,  
suprimindo-lhes velhacamente  
o direito ao repouso que a lei  
bom senso lhes dão.

Além disso, tais posturas  
em relação às pessoas de cor  
são assumidas por uma gente  
que nem mesmo é branca,  
cuja árvore genealógica, a uma  
simples consulta ou ao cabo de  
pesquisa mais aprofundada, re-  
velará fatalmente sua ascen-  
dência negra. Gente cujos tra-  
ços fisionômicos dão conta de  
implacáveis atavismos, recen-  
tes ou remotos, que trazem de  
volta, após gerações - no bran-  
zeado da pele, na linha do nar-  
riz, dos lábios, da testa, no en-  
caracolado dos cabelos - espas-  
mos e indesejados laços avanta-  
dos. José Barreto da Silva  
Nen - Recife.

## *Pai Edu vê ano de 89 como de muita paz e compreensão*

“Mil novecentos e oitenta e nove é o ano do nada, e deixará as pessoas à vontade para recomeçar tudo do princípio”. É essa a previsão do mais famoso babalorixá pernambucano, Pai Edu, que comandou ontem pela manhã a 36ª procissão em homenagem à rainha das águas, Iemanjá, conhecida como “Caminhada Azul”. De acordo com suas previsões, 1989 pode ser um ano de muita paz e compreensão, “dependendo de quem assim o fizer”, porque será regido por Orixalá (Senhor do Bonfim), que significa Jesus ainda vivo.

Explicando porque 1989 é o ano do nada, Pai Edu informou que fazendo a prova dos “nove fora” não fica nada ( $1+9=10$ , nove fora  $1+8=9$ , nove fora  $0+9=9$ , nove fora 0). Mas acrescentou que por ser o ano do nada, também pode ser o ano de tudo, uma vez que as pessoas estarão começando tudo, fazendo uma renovação. “As pessoas precisam amar mais a si própria em todos os sentidos”, disse ele, “todo desespero que passamos no Brasil tem sido pela falta de amor, precisamos juntar os pedacinhos perdidos e fazer o mundo”.

O babalorixá disse ainda que mais do que nunca as pessoas deveriam romper o ano novo com roupas brancas, que é a cor de Orixalá e assim já começar 1989 com esperanças de muita paz. “O excesso de luz deve predominar e era justamente isto que estava faltando e o próximo ano veio para iluminar”, declarou Pai Edu, reforçando que “todo mundo fez tudo para conseguir alguma coisa e muita gente ficou no meio do caminho”, por isso mesmo é hora de apostar tudo no ano de Orixalá.

## A “Negra Magia” de Valdi Afonjá

O selo **Colibri** está lançando um grande astro do reggae, Valdi Afonjá em seu primeiro LP: **Magia Negra**. Artista completo: toca violão, contrabaixo e percussão. Seu canto é ritmo e poesia. Com ele a Banda Rebento, com excelentes músicos. Ele conta como chegou ao **Negra Magia**, seu disco de estréia:

“Peguei a grana do Projeto Pixinguinha, do qual participei, em 1986 e guardei. Quando fui para o Rio, com Ivano, fazer o Pixingão (como contrabaixista), investi todo o dinheiro no pagamento das horas de estúdio de gravação. Tinha a fita (embrião) do disco nas mãos. O primeiro passo concreto. Juntamente com Luiz Gonzaga, o produtor da **Colibri**, consegui entrar no estúdio Som Max, na Madalena, com oito canais, em março de 1987, os músicos tocando de graça (Banda Rebento) e tinha a fita prontinha. Fui batalhar a grana para a prensagem – o mais difícil.

O disco está aí para tocar e ser ouvido em qualquer programação das FMs. O negócio é tocar porque Valdi é um grande artista.

As dez músicas são de autoria de Valdi: “Negra Magia”, “433 da Cruzada”, “Requebrado”, “Pintou Assim”, “Black Sou”, “Yereci”, “Fera Mansa”, “Salsa”, “Sensível Ser” e “Amana”.

Vai em frente, Valdi. Seu trabalho está ótimo. Agora é batalhar para que o público conheça mais de perto sua **Negra Magia**.



Valdi mostra seu disco ao lado de Eraldo Gonçalves, do selo "Colibri"

A-6 Recife, sexta-feira, 9 de dezembro de 1988 CIDADE  
**Caminhada Azul presta homenagem a Iemanjá**



A Caminhada termina com as oferendas no mar para homenagear Iemanjá

A Caminhada Azul, organizada pelo Babalorixá Pai Edu, mais uma vez levou centenas de devotos às principais ruas de Olinda, para reverenciar Iemanjá, (Nossa Senhora da Conceição para os católicos) rainha do mar. Com roupas azuis e brancas - cores de Iemanjá - homens, mulheres e crianças desfilarão durante quatro horas conduzindo flores, perfumes e várias outras oferendas, que seriam ofertadas nas águas da Praia do Janga, sob os olhares de muitos curiosos e devotos.

Com saída prevista para as 9h, a procissão somente deixou o Alto da Sé por volta das 10h15m, para uma caminhada de 13 quilômetros, que foi concluída às 14h com a cere-

monia da entrega da panela, no Janga. Antes, porém, houve toque de tambores, "bênção" de perfumes e algumas canções foram entoadas, até que alguns filhos e mães - desanto levaram as panelas contendo os presentes (principalmente ouro, anéis, alianças) para as águas do mar, juntamente com os pedidos, debaixo de uma chuva de 70 bombas que foram disparadas.

Logo cedo os carros alégoricos foram organizados na Sé de Olinda, à espera do grande momento. Ao todo foram quatro; abrindo a caminhada estava o carro de Ogum, verde, conduzindo São Jorge montado em um cavalo branco (doação de F. Pessoa de Queiroz); logo atrás vinha o carro dedicado à Oxum, (Nossa Senhora do Carmo), de cor

amarela, com duas garotas vestidas de senhora das águas, representando o ouro e o amor. Desfilaram ainda o carro de Xangô (São João Batista), vermelho, levando dois meninos e representando a justiça e fechando vinha o navio de Iemanjá, azul, com duas moças levando a Iubebê (lua nova) e a espada (guerreira Iansã).

Esse ano, não aconteceu o tradicional casamento da Caminhada Azul, que, segundo Pai Edu, simboliza uma chamada para união, "alguém precisa gostar de alguém", completou, explicando que a noiva estava na França. E como vem acontecendo no longo desses 36 anos da procissão, a princípio conhecida como Panela de Iemanjá Africana e realizada à noite, gente de outros estados vieram se integrar à festa pernambucana, como por exemplo do Rio Grande do Sul.

Representando o Reino de Iemanjá da cidade de Guaíba (RS) estavam mãe Líbia e pai Pequeno, filhos de Pai Edu. O percurso foi o mesmo dos anos anteriores, da Sé desceram pela praça Dantas Barreto, trecho da beira-mar até alcançar a Avenida Getúlio Vargas e depois a praia do Janga, logo após a ponte. Sempre cantando e dançando os devotos eram saudados por toda a parte, das janelas e portões das casas, as pessoas repetiam as canções ou simplesmente aplaudiam a passagem da caminhada.

## APOGÉU

O caminho era longo, mas o dia foi camarada e o sol quase não apareceu, sempre encoberto pelas nuvens, suavizando a jornada de quatro horas. Como faz em todos os anos, desde que começou a organizar a festa, aos 14 anos Pai Edu caprichou na decoração dos carros alegóricos e como ele mesmo explicou por um motivo muito simples. Ou seja, suplantando a lavagem do Bonfim na Bahia, onde são percorridos 9 quilômetros, essa é a intenção do babalorixá pernambucano, que declara abertamente ter "inveja dos baianos".

Para ele, o povo da Bahia é muito bairrista e acha que somente eles tem as melhores festas para mostrar e, por isso mesmo todos os anos espera aumentar cada vez mais a Caminhada Azul, "para eles saberem o que Pernambuco tem", exclama. Este motivo foi sem dúvidas o responsável para a transferência da festa para o dia, há cinco anos, pois tradicionalmente a caminhada era realizada durante a noite; mas mantendo suas características, que remontam de muitos anos.

A festa da mãe de todos os orixás, como definiu Pai Edu, foi um espetáculo "muito bonito", tanto no trajeto como na hora da oferenda. Somente pecou por não providenciar com antecedência o desvio no trânsito, que ocasionou alguns atrasos, mas segundo um dos filhos do babalorixá, "foi um esquecimento". Já na praia, onde foi tocado frevo e músicas de Xuxa, para delírio da multidão, Pai Edu dizia que não se sentia cansado e que se fosse para fazer a mesma caminhada estaria pronto. "Isto aqui não é o fim da festa é apenas o começo", enfatizou sempre a sorrir.





*Pai Edu, com as suas mães-de-santo: o carinho com os preparativos da jornada em direção*



*Por várias horas, ao longo de Olinda e suas praias, a Caminhada cumpriu o ritual das ho*

## Discriminação racial era “mote” previsto

Um tema dentro do previsto - “O Racismo é Um Sentimento Anti-Cristão” - em virtude das muitas comemorações ocorridas durante o ano pelo Centenário da Abolição, mas que não deixou de ser empolgante e de dar oportunidade ao “fera” de desenvolver bons textos. Esta foi a primeira análise feita pelos professores Maria da Graça e Cláudio Lira, da equipe de Técnicas de Redação do Colégio Contato, em relação à Prova de Redação aplicada, ontem, na abertura do Vestibular da Universidade Católica.

Segundo os professores, apesar de o tema ter sido fácil, era necessário que os “feras” tivessem bastante cuidado na hora de elaborar a redação, pois o tema proposto não poderia ter duplo sentido. Isto é, “o vestibulando teria que falar do racismo como ato de ferir o amor, a liberdade e outros valores cristãos, e não apenas criticá-lo, sem questioná-lo”, enfatizou a professora Maria da Graça.

Quanto às 16 questões de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, a equipe do Colégio Contato, formada pelos professores Galdino José, Gaudêncio Lopes, José Ricardo e Flávia Suassuna,

achou que foram todas de um bom nível e que a comissão primou pela qualidade de boa elaboração, sem esquecer o programa preestabelecido.

### EQUILIBRADA

Para o professor José Ricardo, a prova foi bem dividida e equilibrada. “Pela primeira vez a parte de Literatura Brasileira foi explorada com dignidade, ou seja, 50% da prova foram destinados para esta disciplina, que é de um valor muito grande não só para o vestibulando, mas para a própria carreira de qualquer indivíduo”, disse José Ricardo.

Afirmou ainda a equipe do Colégio Contato que a prova realmente foi elaborada explorando seu caráter seletivo, visto que as questões, tanto de gramática, como de Literatura, exigiram reflexão do candidato, bem como uma análise das proposições nela presentes. A equipe também parabenizou a comissão da Católica.

O professor Galdino José fez ressalva a duas proposições referentes à parte de Língua Portuguesa. São elas: A proposição (0) da questão 12, sobre colocação pronominal, em que se dá como já

aceita a construção com o pronome oblíquo átono solto entre as duas formas verbais - “Você pode ME chamar de Jesus”. “Embora já consagrado pelo uso, ainda não se pode considerar como doutrina pacífica e presente na maioria das gramáticas da nossa língua”, enfatizou Galdino.

A outra proposição é a 2 da questão 16, que dá margem a mais de uma interpretação de doutrina, pois a palavra **SUPLÍCIO**, pode ser considerada, gramaticalmente, como paroxítona ou proparoxítona, “no entanto, segundo responde o quesito, ela só seria uma proparoxítona”, alertou a equipe de Português do Colégio Contato.

De uma forma geral, os professores do Colégio Contato, responsáveis pela parte de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, classificaram as duas provas, ontem, como “dentro do programa exigido, de boa qualidade e bom nível”. Ressaltou o professor Gaudêncio Lopes, que as provas primaram pela boa distribuição dos assuntos bem como pela característica seletiva. “Com isto a Católica procura elevar o nível dos alunos que ali estudarão”, encerrou o professor.

## Racismo é tema de redação do Vestibular da Unicap



Os candidatos tiveram de correr para não perder a prova

“O racismo é um sentimento anticristão”. Com este tema de redação, a Universidade Católica de Pernambuco iniciou, ontem, seu concurso vestibular de 1989, para 12 mil candidatos, com a aplicação da prova de Português, neste ano a de maior peso em todos os grupos, conforme determinação do MEC. A maioria dos concorrentes considerou fácil e atual o tema da redação, sentindo maior dificuldade em responder as questões de Gramática e Literatura, uns porque encontraram muitas “cascas de banana” e outros (em bem menor número) porque tinham dúvida em marcar as respostas dos quesitos de proposições múltiplas. Problemas, porém, superados ser maiores transtornos pelos mais preparados.

Mais monótono que um dia de chuva e frio, mais tedioso que a inatividade, mais chato que conversa de madame. Assim foi o primeiro dia do concurso de seleção ao ensino superior da Unicap que, para felicidade da Comissão de Aplicação (Coave), transcorreu em normalidade. Os atrasos, como sempre, ocorreram nos oito prédios utilizados - todos no campus ou próximos a ele - para abrigar os candidatos. O destaque ficou com a falta de luz na Boa Vista, por volta das 10 horas, prejudicando mais efetivamente o desempenho dos vestibulandos alocados na Fafire, por ser um prédio mais fechado e de janelas pequenas. Hoje será a vez de Química e Estudos Sociais, seguindo-se amanhã Física e Biologia e depois Matemática e Língua Estrangeira. A lista dos

aprovados sai na quarta-feira, ao meio-dia.

### TRABALHO

Aos repórteres de jornal, rádio e TV que cobriram a abertura do vestibular, concentrados no pátio do campus universitário, entre os blocos A e B, restou durante a manhã se perguntarem "cadê trabalho?" e formar uma roda de samba na cantina da Unicap, na expectativa da presença de um representante da Coave para prestar declarações a respeito do andamento do exame. Ou a expectativa de qualquer suspeita de vazamento, como no caso do falso gabarito que apareceu no último dia do concurso do ano passado, que serviu para promover um rebu e aumentar o colesterol dos membros da Comissão de Aplicação do Vestibular, a mesma neste ano.

As 8 horas, os portões fecharam-se e para não deixar de repetir os anos anteriores, os atrasados apareceram (e perderam o vestibular), em esquecer de registrar a correria dos "britânicos" (chegam na hora) para ultrapassar os portões antes que o trinco batesse. No campus da Unicap, pela entrada da Rua Almeida Cunha, no bloco G, dois candidatos - ambos motorizados, o que anula argumentos de distância (e evidencia relaxamento) para justificar o retardamento - chegaram fora de hora questão de minutos, encontrando os portões cerrados. Sem maior demonstração de frustração, não se dispuseram nem a sair dos veículos para tentar num último esforço convencer os fiscais a permitirem a entrada.

As 8h30m, o chefe de Gabinete do reitor, Fernando Pedro

de Vasconcelos, na condição de representante da Coave, concedeu entrevista coletiva no saguão do bloco A, prestando as primeiras informações oficiais sobre o primeiro dia do vestibular. Revelou que até aquele momento tudo corria bem e que dos 12.174 inscritos, 170 estavam automaticamente eliminados, pois não foram apanhar o cartão de identificação com o qual teriam acesso ao local do exame.

A chuva que caiu durante a manhã obrigou os repórteres a se abrigarem várias vezes, uns no saguão do bloco A, onde fica a sede da Coave, e outros na cantina/barzinho da Católica, onde não faltou ensaio de pagode de fundo de quintal. Os portões fo-

ram reabertos às 9h30m, agora para a retirada dos vestibulandos que já tinham encerrado a prova, quando então a imprensa teve acesso a parte interna dos prédios onde se realizava o exame.

No campus, a Unicap utiliza neste concurso os blocos A, B, D e G, e fora dele o bloco J mais o Liceu de Artes e Ofícios. As dependências de dois outros educandários também foram utilizadas, no caso, o Colégio Nóbrega e a Faculdade de Filosofia do Recife (Fafire). A maior concentração de candidatos está no bloco G, com 4.495 "feras". O prédio de maior contingente é o Liceu com 485, cabendo ao Nóbrega 1.045 e Fafire 760. (Ayrton Maciel)



*Descontraída, a "fera" concentra-se nos que*

# Federal vai debater cultura negra em 89

A implantação de pesquisas sobre a cultura afro-brasileira, o incentivo ao intercâmbio científico entre africanos e brasileiros e a contribuição para a completa erradicação do racismo no País. Com esses objetivos, foi lançado na Universidade Federal de Pernambuco, com o parecer favorável do Conselho Coordenador de Ensino, Pesquisa e Extensão, o Programa de Estudos Afro-Brasileiros, que se constituirá num espaço acadêmico para o debate e as manifestações da cultura negra no Brasil.

O programa - idealizado pelo professor Walteir Silva, do Departamento de Filosofia, a partir de uma proposta inicial de criação de um núcleo de pesquisa da cultura africana no Brasil - encaixa-se no âmbito das comemorações do Centenário da Abolição, celebrado em 1988, e envolve professores, cientistas e alunos da UFPE. Com sede no 15º do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, o Programa de Estudos Afro-Brasileiros ocupará um lugar até hoje aberto na universidade, que já conta com um núcleo de estudos indigenistas.

## PESQUISA

Doze meses foram necessários, desde quando apresentou o projeto original ao reitor Edinaldo Bastos, em dezembro de 1987, para o professor Walteir Silva ver concretizado seu ideal, senão por completo, pelo menos em termo de garantia de es-

paço para a pesquisa científica e o debate acadêmico. A proposta inicial era de instalação de um núcleo ou centro de estudos afro-brasileiros, mas o parecer do conselheiro Luiz Bezerra de Carvalho Júnior foi contrário a proposição, preferindo ele sugerir ao Conselho Coordenador de Ensino, Pesquisa e Extensão a aprovação de um programa com o mesmo fim, ou seja, estudar a influência da cultura negra na formação da consciência nacional.

Entendeu o relator que um núcleo ou centro teria de ter regimento próprio, caracterizando-se aí em "uma estrutura pesada do ponto de vista orgânico", que acabaria por conflitar com o próprio regimento e estatuto da Universidade Federal. O argumento foi aceito pelo Conselho superior que aprovou então a designação "programa", com os votos de que se inicie modestamente e adquira dimensão ao longo do tempo.

- O objetivo geral é pesquisar, além de debater e divulgar as raízes africanas na formação social, econômica, política e cultural do povo brasileiro", destaca Walteir Silva. Nesse sentido, há três metas específicas: a ampliação, por meio da efetivação do objetivo geral, da consciência afro-brasileira, um requisito fundamental para a consolidação da identidade da nação; o intercâmbio com entidades de interesse simi-

lar em universidades brasileiras e no exterior; e a integração num futuro sistema nacional de entidades acadêmicas que pesquisem e divulguem a cultura negra no País.

O Programa de Estudos Afro-Brasileiros desenvolverá projetos de pesquisa nas áreas da cultura, mas, também, na de sociologia, economia, história e na política; estimulando, paralelamente, o intercâmbio entre cientistas africanos e brasileiros. Pretende ir mais além, contribuindo através das ciências humanas e biológicas para a erradicação do racismo, tradicionalmente "mascarado" no Brasil.

Os recursos para as atividades do programa terão como fontes os órgãos e agências de financiamento de pesquisa, nacionais e internacionais, governamentais ou privadas, que serão procuradas para a viabilização de convênios ou intercâmbio de estudos. "Para pesquisar temas vinculados às raízes da cultura afro-brasileira, porventura ainda inexplorados, é que propusemos o espaço", acrescenta Walteir como justificativa para a criação do programa. "Os negros - prossegue -, juntamente com o povo brasileiro, estiveram reunidos em 1988 para uma reflexão e avaliação sobre a situação econômica, social, política e cultural um século após a abolição. Este programa vai dar seqüência a isso".

## *Prefeito doa terreno para Leão Coroado*

O prefeito Jarbas Vasconcelos foi homenageado por diversos carnavalescos que se reuniram no Clube das Pás para agradecer e comemorar a participação popular na organização do carnaval do Recife. Na oportunidade, o prefeito do Recife fez a doação de um terreno ao maracatu Leão Coroado, um dos mais antigos do Recife.

O encontro marcou a 72ª reunião da Comissão Permanente do Carnaval, criada em junho de 1987, através da Fundação de Cultura Cidade do Recife, sendo composta por representantes de cada categoria, passando o carnavalesco a ser parte integrante de um processo onde ele tem vez e voz.

O prefeito Jarbas Vasconcelos foi recebido por uma Laurisa um dos símbolos do carnaval pernambucano, e agradeceu a homenagem transferindo-a aos carnavalescos “porque se há alguém que deve ser homenageado não é o prefeito nem a prefeitura. Os carnavalescos, por sua luta constante, pelo seu desempenho e que com poucos recursos conseguem sempre fazer grandes carnavais, marcados pela alegria, é que devem ser os eternos homenageados. Gosto muito de carnaval mas não entendo de carnaval. Portanto, quem deve fazer, organizar o carnaval são os carnavalescos. Eu passei pela Prefeitura mas vocês vão lutar por esses e outros carnavais”, enfatizou o prefeito Jarbas Vasconcelos que mesmo sendo reconhecido pelos foliões de todas as categorias como sendo o responsável pela evolução que houve no carnaval recifense nos últimos anos lamentou não ter tido condições de repassar às agremiações maiores recursos.